

ANTES DE TUDO, A TODOS, NOSSAS BOAS VINDAS!

POR FERNANDO GAMELEIRA SOARES *



Este dia de evocações e de bênçãos acende impulsos nos nossos espíritos; daí esta mensagem. Ela é a nossa amizade lembrada em palavras simples, mas escritas com a lógica do coração, de que nos falou Santo Agostinho. Durante toda a vida enchemos e empilhamos na memória caixas de recordações, até que chegam momentos de abri-las e nelas remexer em busca das alegrias e de bons momentos vividos. É bom revê-los e com todos reavivar nossos fluxos de amizade e de carinho. Por tudo isso este encontro já é um sucesso. Ele só foi possível graças à tenacidade e o apoio inestimável de alguns companheiros. Acreditamos, o trabalho foi beneditivo. A cada dia, incansavelmente, procurava-se estabelecer contatos com os colegas daqui e com os residentes em outros Estados. Tratou-se de obstinada garimpagem, buscando encontrar aqueles de que não tínhamos notícias já há muitos anos, aguardando pacientemente confirmações e respostas às solicitações. As redes sociais muito nos ajudaram. Enfim, a corrente se formou e a partir daí não houve esmorecimento. O entusiasmo foi contagiando os corações da grande maioria; as adesões se sucederam e todos passamos a contar os dias para a chegada deste momento, como se espera com júbilo e ansiedade a chegada de uma noiva que vem de longe.

Encontros, nossa turma já fez muitos, mas este é o mais concorrido. Hoje, a comemoração é excepcional. Não tem o delírio de festejo milionário, mas tem um significado espiritual que vai além de mensurações materiais. O simbolismo benfazejo deste dia enche-nos de satisfação. Ela está visível no brilho dos olhos e estampado no semblante de cada um. Dos nossos corações transborda uma profusão de afetos mútuos que nos faz felizes. Esta festa nos faz bem. Além de singular, ela é um penhor de lembranças caríssimas, também para nossas famílias, porque além de assinalar a comemoração de 44 anos de formatura, marca também a passagem de 50 anos do nosso ingresso na querida e saudosa Faculdade de Medicina da UFAL, da praça Afrânio Jorge. Renhido foi o vestibular. O trote foi formidável, com o clássico desfile pelo centro da cidade. Vitoriosos, matriculamo-nos em um total de 67 calouros no 1º ano médico, dispostos a enfrentar quaisquer desafios, com o entusiasmo e o vigor da santa juventude. Bendito o velho casarão que ficou morando na saudade de moços orgulhosos e cheios de idéias e de ideais. A saudade é maior e mais querida porque é a saudade dos melhores dias que não mais regressam aos corações desses moços que fomos, audaciosos e pleenos de alegria. No coração de cada um moram lembranças inde-

léveis, nossas crenças, anseios e esperanças.

Já não existem entre nós alguns colegas, mas eles subsistem em lembranças inefáveis guardadas no recesso dos nossos corações e na evocação de doces momentos que se incorporaram em nossas vidas. Suave encanto sempre haverá em recordá-los. Fisicamente já não podem receber nossos afetos. Apesar da distância, forte é a sensação espiritual, entre nós, de suas presenças. Para eles as homenagens expressas nas rosas da saudade e nos perfumes de infindável amizade.

Necessário se faz uma homenagem ao talento desta turma de 72. Muitos colegas, além das peregrinas virtudes inerentes ao exercício da Medicina, destacaram-se em outras áreas do desenvolvimento humano, na Política, no Magistério e na Gestão Pública. Menção especial à Ana Dayse, ex-reitora da UFAL. Mas, um louvor é indispensável aos queridos colegas Marcondes Farias Costa e Rosiane Rodrigues. Eles esmaltaram suas vidas na busca da beleza das coisas e do entendimento dos valores do espírito. Bem já se disse que as musas não fazem mal aos Doutores. Alegremo-nos com seus triunfos na música e na poesia. Dizem que os poetas juntam sonhos nos corações, desejando pensamentos irrealizáveis que se interpoem entre eles e a realidade, suavizando suas agruras e nos fazendo colher flores nos momentos ensolarados de cada dia.

Da leitura dos livros de Rosiane, além da louvação de sua Terra e de sua gente, parece-nos que, mergulhada no seu "Eu", ela escreve poesias para se conhecer melhor, como se fizesse uma auto-análise, vasculhando uma intimidade consigo mesma, revivendo o já vivido, como se estivesse a procurar explicações para as dúvidas e titubeios, revisitando seus fantasmas, tristezas, alegrias e prazeres. De suas reflexões, aflora o descortino do espírito escondido nos recônditos mistérios da alma e que nos fazem descobrir um mundo de encantamento, até mesmo nas realidades aparentemente mais insignificantes. Rosiane, nós, seus queridos colegas e fiéis leitores, esperamos, o mais rápido possível, convite para o lançamento de mais um livro.

E, agora, lá vem, aquela porção de coisas vividas cilandar na retina dos nossos olhos, e no bojo de nossa alma; mas como faz bem, para a alma da gente, evocar tempos que, criamos, não são velhos, porque foram bons, e o que é bom parece não envelhecer. As salas de aula, anfiteatro, laboratório, sala de histologia, pavilhão de anatomia e até mesmo a caótica estrutura de medicina legal ainda estão presentes na memória como se tudo fosse ontem.

No pátio e nas arcadas da



O caldeirão intelectual fervia e a mocidade inquieta se movimentava em direção a um horizonte que pensava ser de vitórias, mas que, em realidade, foi de martírio. A marcha dos cem mil no Rio de Janeiro e os festivais da canção atiçavam o clima. A censura endurecia e logo a seguir veio a reação drástica com a decretação do AI 5 em 1968.

Faculdade ficaram recordações inesquecíveis das troças, brincadeiras, sustos das noites e angustias das vésperas de provas. Dos professores com seus defeitos, qualidades e idiossincrasias, as lembranças são vivíssimas. Da Santa Casa, tudo está presente. O esforço e a competência de alguns mestres dedicados suprimam, muitas vezes, as deficiências do curso. A eles, nosso reconhecimento e também a muitos que, fora da Faculdade, em serviços próprios, nos ajudaram. Na lembrança deles, referência especial a Dirceu Falcão, sempre a provar que o ensino está onde se encontra o Mestre. Nos ambulatórios e enfermarias da Santa Casa aprendemos a entender a prece da caridade, a súplica da pobreza e a obrigação de dar a melhor acolhida ao doente desconhecido e desamparado. Com aqueles indigentes muito aprendemos, no manuseio de cada dia, dos vários ofícios da ARTE MÉDICA.

Durante o Curso Médico, vivenciamos os redemoinhos políticos que viraram de cabeça para baixo as expectativas da juventude brasileira que viu abortados seus sonhos e a utopia de erguer os oprimidos e distribuir riquezas para diminuir as injustiças sociais. Sob a influência de movimentos culturais criados por intelectuais que almejavam uma modificação de costumes, a nossa geração contribuiu para mudanças que depois se tornariam realidade, através do Cinema Novo, de um teatro mais próximo do povo e de uma renovação das artes. Os novos movimentos musicais mudaram o panorama da MPB. No auge estava a Bossa Nova, que passou a dividir espaço com o Tropicalismo e os novos baianos. Encantávamo-nos com Vinícius, Edu Lobo, Chico Buarque, Nara Leão, Caetano, Gil, Gal Costa, Maria Betânia, Moraes Moreira, Elis Regina, Jair Rodrigues, Jorge Ben, Baden Powell, Paulinho da Viola, Tom Jobim e tantos outros.

Muito sucesso faziam as letras de arrastão, disparada, apesar de você, marcha da quarta

feira de cinzas, vida e morte Severina etc. Os teatros se enchiam para ver os shows Roda Viva e Opinião. Entretanto, muitos não se envolviam nos protestos e se deleitavam com a Jovem Guarda de Roberto e Erasmo Carlos, Wanderléia, Golden Boys e Trio Esperança, com os programas do Chacrinha, Blota Júnior, Jota Silvestre, Flávio Cavalcante e Silvio Santos e com os concursos de Miss Brasil. Em 68 foi inventada a mini-saia, e as mulheres passaram a exibir joelhos e coxas exasperando os conservadores. Para escandalizar, surgiu, no Rio de Janeiro, com muita alegria e liberdade debochada, a musa da liberação feminina, a atriz Leila Diniz que, infelizmente, foi vítima de acidente aéreo na Índia. O movimento Hippie, de contracultura, dizendo-se geração "Paz e Amor" tentava oferecer uma visão inovadora de comportamento, às vezes protestando politicamente, mas disseminando drogas alucinógenas entre os jovens de nossa geração. Líderes como Martin Luther King e Bob Kennedy foram assassinados, vítimas do conservadorismo. Aqui, no país inúmeras lideranças liberais tiveram seus direitos políticos suspensos. A explosão da revolta estudantil do "maio francês" se disseminou pelo mundo inteiro inculcada pelo pensamento filosófico de Herbert Marcuse.

O caldeirão intelectual fervia e a mocidade inquieta se movimentava em direção a um horizonte que pensava ser de vitórias, mas que, em realidade, foi de martírio. A marcha dos cem mil no Rio de Janeiro e os festivais da canção atiçavam o clima. A censura endurecia e logo a seguir veio a reação drástica com a decretação do AI 5 em 1968.

Fizemos toda a Faculdade num regime de grande repressão; tivemos até que estudar Educação Moral e Cívica. A censura atormentava e muitos eram os recebidos. Falava-se à boca miúda. Os mais radicais foram para o confronto e muitos jovens brasileiros chegaram ao sacrifício. Estabeleceram-se as penas de morte e de prisão perpétua pela primeira vez no País, mas inesquecivelmente ficaram ecoando na vida de todos os moços da nação os acordes da letra do Geraldo Vandré, que pagou física e mentalmente ao cantar no Maracanzinho no festival da TV Record diante de absoluto silêncio de 30 mil jovens:

Caminhando/
e cantando
E seguindo a canção/
Somos todos iguais/
Braços dados ou não
Há soldados armados,
Amados ou não,
Quase todos perdidos
De armas na mão.
Nos quartéis lhes ensinam
Antiga lição
De morrer pela Pátria
E viver sem razão.

E conclamava:

Vem vamos embora/
Que esperar não é saber/
Quem sabe faz a hora/
Não espera acontecer.

Foi vivenciando aquele período tormentoso que, enfim, terminamos o Curso. Chegada a hora da Colação de Grau não dominamos a emoção. Se para nossos familiares o Juramento Médico se revestiu de uma solenidade inesquecível, para nós, teve, aquele momento, uma significação inexcelsível. Foi a vitória de um ideal que nos envolveu na crença viva e constante dos compromissos de transformar a doença e a morte em vida e saúde. A partir daí nos dispersamos e cada um seguiu seu caminho, deixando-nos saudosos da convivência mútua.

Colegas, o tempo já fez grandes sulcos nos campos de nossas vidas e muita poeira já foi levantada no caminho percorrido. Dificuldades e sacrifícios foram sentidos, mas as muitas vitórias alcançadas doiraram nossas existências e de nossas famílias. Hoje chegamos à estação das recordações e reavaliações; disso, o melhor proveito a se tirar é o estado de quietude espiritual. Não há maiores razões para perseguir com ansiedade sonhos não realizados. Devemos estar alertas para não deixar que a angústia do futuro estrague o nosso presente. O que mais nos interessa é a felicidade do aqui e agora, como a beleza deste maravilhoso dia. Bendita seja a fé que nos faz sentir, amar e ter esperanças e que nos permite, a cada dia, continuar a construir uma muralha contra o tempo e seus maus tratos.

Permitam dizer-lhes que em nós continua subsistindo e, com a idade aumentando, a vontade de estender braçadas de solidariedade que desejamos continuar a plantar, pelo tempo a fora, nos corações de todos quanto estimamos e dos quais somos devedores por gestos bonitos e inesquecíveis. Creiam, nossa alma está sempre em festa ao revê-los, que palavras modestas não sabem traduzir. Temos confiança em um futuro, que esperamos seja longo, com um coração que não envelhece apesar das intempéries. Por temperamento, mesmo sem manifestações ruidosas, no nosso íntimo sempre há ternura e amor por todos vocês. Ternura sem palavras também é amor.

Que entre nós sempre exista a simplicidade da velha e gostosa camaradagem e que nos nossos descendentes sobrevivam nossos afetos e nossas amizades. Deus, com seu espírito bondoso, haverá de nos proteger no ano que vem e nos que há de vir. Feliz Natal e desde já recebam a intimação para, vivíssimos e com saúde, abrilhantarem com suas indispensáveis presenças o nosso próximo Encontro.

* É médico e professor universitário